

## ANDRÉ GREEN: PAIXÃO CLÍNICA, PENSAMENTO COMPLEXO.

### Em direção ao futuro da psicanálise.

Posfácio do livro de André Green, *Ilusões e desilusões do trabalho psicanalítico* (Paris, 2010).

\*Fernando Urribarri

Neste novo livro de André Green, é possível destacar três dimensões principais. Uma dimensão clínica que diz respeito às desilusões no processo analítico, e que dá lugar a um pensamento clínico sobre o enquadre, suas potencialidades metaforizantes e as ocasiões em que é posto em cheque. Uma dimensão metapsicológica, centrada na questão da destrutividade, que culmina na formulação inovadora de uma “interiorização do negativo”. Uma dimensão histórica que aborda a questão da crise da psicanálise pós-freudiana e que propõe um novo paradigma contemporâneo: freudiano, pluralista, ampliado, complexo. Partindo do lugar transicional do Posfácio (ao mesmo tempo interior e exterior à obra que acompanha), me proponho a dar conta desses três eixos, abrindo-os à reflexão acerca do muito que propõem ao debate sobre os atuais desafios para o futuro da psicanálise.

*Illusions et desillusions* coroa a etapa atual da trajetória intelectual do seu autor, inaugurada pelo que proponho denominar “virada do ano 2000” (em consonância com a “virada dos anos 20” destacada, por André Green, na obra de Freud). Para refletir sobre a riqueza dessa etapa e o lugar que nela ocupa este livro, proponho-me, em primeiro lugar, a esboçar de forma panorâmica o desenvolvimento da obra e o pensamento do seu autor. Em seguida, abordarei os dois principais eixos temáticos que este livro apresenta e que caracterizam a produção nesta etapa: a pesquisa sobre a destrutividade e o desenvolvimento do pensamento clínico contemporâneo.

Nesse segundo segmento, abordarei primeiramente a original reconceitualização da pulsão de morte proposta pelo autor de “O trabalho do negativo”, analisando alguns trechos destacados de sua última etapa. Em seguida, ocupar-me-ei do pensamento clínico no contexto do desenvolvimento do modelo contemporâneo: um modelo terciário, que, na perspectiva de

---

\*Psicanalista Argentino. Endereço para correspondência: [zonaerogena@yahoo.com](mailto:zonaerogena@yahoo.com)

André Green, está centrado na conceitualização do enquadre (e do enquadre interno do analista). Por último, para esclarecer o pensamento clínico a partir de um ponto de vista metapsicológico, enfocar-me-ei no conceito de estrutura enquadrante: noção chave que proponho considerar como o modelo teórico implícito da clínica “greeniana” (Urribarri, 2005).

## 1- O ITINERÁRIO DE ANDRÉ GREEN: UMA VISÃO PANORÂMICA

A questão do contemporâneo -primeiro como pergunta e depois como projeto- atravessa e define a obra de André Green. Desde sua intervenção inicial no colóquio de Bonneval de 1960, “O inconsciente freudiano e a psicanálise francesa contemporânea” (Green, 1972), passando por *Orientações para uma psicanálise contemporânea* (2002), e chegando até hoje, essa questão impulsiona e orienta seu trabalho.

Em que consiste a questão do contemporâneo? Dito de forma muito simples, em reconhecer o reducionismo teórico e os impasses práticos causadores da crise dos modelos pós-freudianos, e em enfrentar o desafio de superá-los. Por isso, o modelo teórico implícito comporta a elaboração de um modelo teórico e clínico pessoal, ao mesmo tempo freudiano e original, que articula uma renovação do método psicanalítico, uma expansão do campo clínico e uma reformulação dos fundamentos metapsicológicos.

Veremos que essa perspectiva histórico-conceitual é imprescindível para entender esta obra e este novo livro. E para compreender por que, desde a “virada do ano 2000”, o citado modelo pessoal é aprofundado como parte de, e aporte para, um novo paradigma psicanalítico contemporâneo.

Em alguns textos anteriores, propus que fossem diferenciadas três etapas para historizar o pensamento de André Green: lacaniana, pós-lacaniana e contemporânea (ou “com Lacan”, “depois de Lacan” e “além de Lacan”)<sup>1</sup>. Agora, optarei por um ponto de vista mais clássico: o

---

<sup>1</sup> Para uma análise da obra de A. Green em relação à história da psicanálise francesa (particularmente quanto a Lacan e ao movimento pós-lacaniano), ver F: Urribarri (2008, 2009).

que distingue três épocas no itinerário dos grandes autores: a do início, a da maturidade e, por fim, a época “tardia”.

### **1960-1970. O início:**

#### **Um pensamento freudiano pluralista, um campo clínico ampliado.**

Desde o começo dos anos 60 até o final dos 70, vemos o nome de André Green surgir, se destacar e se estabelecer como autor, com seus próprios temas de interesse, sua perspectiva pessoal e seu estilo. Partindo de um notável interesse pelos desafios da clínica nos limites da analisabilidade, delinea-se uma identidade freudiana de base e um pensamento plural que vai se enriquecendo com as influências de “seus” autores pós-freudianos (Lacan, Winnicott e Bion) e também devido ao intercâmbio com seus contemporâneos (especialmente com seus colegas do movimento pós-lacaniano, como Laplanche, Pontalis, Aulagnier, Anzieu, etc.). Surge então um estilo que sintetiza paixão clínica<sup>2</sup> e pensamento complexo.

Inicialmente, André Green inscreve-se, com espírito heterodoxo, no renovador “retorno a Freud”. De 1960 a 1967 participa do seminário de Lacan e do pequeno grupo que estuda com ele a correlação de sua teoria com a clínica. Quando o autor de *Escritos* passa de autor renovador a chefe de um movimento dogmático, Green se distancia, preferindo conservar sua identidade freudiana pluralista. Consequentemente, aprofunda o diálogo com as obras de Winnicott e de Bion (com quem cultivava uma relação pessoal), nas quais encontra uma estimulante liberdade para explorar, estender e aprofundar o fundamento freudiano.

Seu primeiro artigo decididamente original é “Narcisismo primário: Estado ou estrutura?” (1967). Nele, Green introduz a teoria do “narcisismo negativo” (complemento do narcisismo positivo formulado por Freud) e a noção de “estrutura enquadrante”, constituída pelos mecanismos de alucinação negativa da mãe e o “duplo retorno” das pulsões. Designa então como “trabalho da morte” o que chamará mais tarde de “trabalho do negativo”. Essas ideias, enriquecidas pela leitura da teoria bioniana do pensamento, culminarão em uma teoria da “psicose branca” exposta em *L'enfant de ça* (escrito em colaboração com J.L.Donnet, 1973). No mesmo ano, publica *O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto* (1973),

---

<sup>2</sup> “Paixão clínica” é uma expressão referente a André Green que devo a J-B. Pontalís (2009, Comunicação Pessoal)

possivelmente o livro mais representativo dessa etapa, pois estuda seu tema aprofundando Freud, revisando os aportes pós-freudianos (Hartman, Klein, Lacan), e propondo conclusões pessoais. Green concebe o afeto como modo de simbolização primária e postula “a heterogeneidade do significante psicanalítico” (Green, A. 1973). Além disso, inscreve o afeto em uma lógica da heterogeneidade que caracteriza e propulsa o processo de representação (“a função básica do psiquismo”) pela tensão irreduzível entre a força e o sentido, o econômico e o simbólico, o estrutural e o histórico. Desse modo, se diferencia e procura ir além do modelo lacaniano, que reduz o Inconsciente à linguagem e exclui o afeto da teoria e da clínica. Nas conclusões finais, afirma que “a *psicanálise contemporânea* propõe-se a fundamentar teoricamente as contribuições pós-freudianas” (ibid).

Os desafios e as singularidades da clínica contemporânea são os temas de “O analista, a simbolização e a ausência no enquadre analítico”, texto escrito para o congresso internacional de Londres em 1975 (Green, 1974). O estudo da história da evolução paralela da teoria e da técnica analíticas leva-o a esboçar a distinção entre três movimentos, aos quais correspondem três modelos: hoje podemos nomeá-los freudiano, pós-freudiano e contemporâneo. Porém, é interessante assinalar que, naquele momento, esse terceiro modelo (definido sucintamente como “a pesquisa sobre o funcionamento representativo dentro do enquadre analítico”) era, antes de mais nada, um projeto, de um movimento novo com o qual Green se identifica.

Parece-me importante salientar que a perspectiva “contemporânea” introduz e considera crucial o conceito de enquadre (retomando Winnicott e Bleger), o qual em seguida articula com os de transferência e contratransferência como parte de um esquema terciário do processo analítico. O enquadre é um conceito duplo, ao mesmo tempo epistemológico e técnico: é definido como condição de possibilidade para a constituição do objeto analítico, do seu recorte teórico e da sua transformação prática. Green assinala que, apesar do aparente estabelecimento empírico e artesanal do enquadre por Freud, o certo é que “o sonho é o modelo (metapsicológico) implícito do enquadre (Green, 1974)”. Com base nessa elucidação, centrada no estudo da produção representativa no enquadre, nosso autor pode definir e abordar o que denomina como estados nos limites da analisabilidade.

Depois, em 1977, faz do próprio limite um conceito (definido como zona de transformações:

entre instâncias psíquicas, entre psique e soma, entre o sujeito e o objeto); e propõe um modelo específico do funcionamento limítrofe centrado em quatro mecanismos de base: a clivagem, o desinvestimento, a expulsão pelo ato e a somatização (Green, 1977).

## **1980-1990: Os decênios de maturidade**

### **Da prática nos limites aos fundamentos da teoria.**

No início dos anos 1980, uma série de artigos, que serão reunidos em *Narcisismo de vida, narcisismo de morte* (1983) e em *De loucuras privadas* (publicado primeiro em inglês em 1986, depois em francês em 1990 em uma versão diferente e ampliada com o subtítulo “Psicanálise dos Casos-limites”), desenvolve e consolida uma concepção original do funcionamento, e do tratamento, dos casos limítrofes, dando conta de uma profunda transformação do campo analítico. As classificações psicopatológicas estão subordinadas à consideração da analisabilidade (e dos seus limites). E a própria analisabilidade já não depende tanto do diagnóstico do paciente, mas também das características e possibilidades singulares de cada par analítico, da relação entre um determinado paciente e um determinado psicanalista. Conseqüentemente, a “loucura privada” é definida na relação analítica, expressando-se nos movimentos de transferência e contratransferência, conforme a singularidade do campo e do processo. No artigo programático “Paixões e destino das paixões” (Green, 1981), distingue-se a loucura da psicose (e também do “núcleo psicótico” próprio do modelo anglo-saxão) pelo papel central das pulsões (e das fantasias) sexuais arcaicas. Propõe-se ali um “mito etiológico” que visa explicar a origem do duplo conflito limítrofe, narcísico, do Eu com as pulsões do Id e as pulsões do objeto. Em um esforço de elucidação dos casos limítrofes, “O duplo limite” (1982) propõe um modelo que conjuga a consideração de uma tópica ampliada (intra e intersubjetiva) e dos efeitos dinâmicos do “objeto-trauma” (ao mesmo tempo sexual e narcísico) no enquadre. Apoiando-se em uma recente “teoria da triangularidade generalizada com terceiro substituível” (que atribui a função terceirizante ao “outro do objeto”, que pode ou não ser o pai (Green, 1981,B), o artigo “A mãe morta” (1983) apresenta o complexo transferencial de mesmo nome, construindo uma figura paradigmática do pensamento clínico contemporâneo. Todos esses textos fizeram com que Green ganhasse uma reputação de especialista nos casos-limite e na prática contemporânea, inclusive internacionalmente.

A teorização do “narcisismo negativo (ou de morte)” visa esclarecer conceitualmente e orientar tecnicamente a clínica do que denomina “série branca”: “correspondente à alucinação negativa, ao luto branco, ao sentimento de vazio, entendidos como resultantes de um desinvestimento massivo e temporário do objeto primário (expressão da destrutividade da pulsão de morte), que afetou a estrutura do narcisismo primário e que deixou marcas no inconsciente sob a forma de buracos psíquicos” (Green, 1983). As descrições kleinianas do ódio e a eventual reparação do objeto são postuladas como posteriores ou secundárias em relação ao trauma narcísico primário.

*A linguagem na psicanálise* (Green, 1983-b) constitui uma obra decisiva na evolução do seu autor. Nela, Green expõe uma teoria especificamente psicanalítica da linguagem dentro do enquadre (“a palavra analítica desenluta a linguagem”). Com esse objetivo, além disso, elucida o fundamento metapsicológico do método e da prática analítica. Articula também sua teoria da representação (dupla representância, dupla significância, dupla referência) com uma concepção da polissemia do enquadre (que reúne as polaridades do narcisismo, do dual e do triangular/edípico) e postula a transferência como “duplo” (sobre a palavra e sobre o objeto). Por último, traça um esboço da dinâmica do processo psicanalítico segundo o esquema do duplo retorno da pulsão: “A análise consiste no retorno a si mediante o desvio através do outro”.

Os anos 90 estão marcados principalmente por uma intensa inovação conceitual e pela sistematização de sua concepção teórico-clínica geral. A inovação comporta a introdução de dois “meta-conceitos” ou eixos conceituais. Em 1990, André Green introduz a noção de terceiridade, com a qual renova sua visão da simbolização, ao mesmo tempo em que permite articular e aprofundar uma série de noções “terciárias” prévias (desde a “teoria da triangulação generalizada” até os processos terciários, passando pelas “formações intermediárias”). Pouco tempo depois, é publicado seu livro possivelmente mais original: *O trabalho do negativo* (1993). A elaboração de suas dimensões estruturante e desestruturante vai desde a especulação mais “abstrata” sobre as pulsões destrutivas até a consideração mais “concreta” das situações-limite da clínica, passando por uma revisão global dos mecanismos de defesa e da concepção do Eu.

Dois ou três anos depois, *A Causalidade psíquica* (1995) e *A metapsicologia revisitada* (1996) respondem à expectativa de numerosos leitores que desejam uma apresentação do conjunto do pensamento teórico de André Green. Do nosso ponto de vista, podem-se descobrir ali os “novos fundamentos metapsicológicos greenianos”. Eles estão compostos, esquematicamente, de cinco eixos: 1) O par pulsão/objeto, que articula o intrapsíquico e o intersubjetivo; 2) A teoria generalizada da representação, que amplia a teoria freudiana ao incluir nela o corpo e o pensamento, o Outro e a realidade; 3) A tópica ampliada, correlativa da ampliação precedente, apoiada na noção de limite, que articula o duplo conflito eu-id e eu-objeto/Outro; 4) A terceiridade: eixo metaconceitual que vai da teoria da “triangulação aberta com terceiro substituível” até os processos terciários; 5) O trabalho do negativo. Esses eixos tendem a consolidar uma visão do psiquismo como essencialmente complexo (convergente com a perspectiva epistemológica de E. Morin (1994)): aberto, heterogêneo, processual e poético.

Pode-se ver o desdobramento e o aprofundamento dessa nova síntese em duas obras importantes: *As cadeias de Eros* (1998), que é o ponto culminante da etapa da maturidade e, especialmente, *O tempo fragmentado* (2000), que inaugura e representa uma nova etapa.

### **A virada do ano 2000: em direção a um novo paradigma contemporâneo.**

A “virada do ano 2000” está marcada pelo reconhecimento da crise da psicanálise e pelo projeto de um novo paradigma. Sem desconhecer seus aspectos externos (sociais, etc.), do ponto de vista específico da história da psicanálise, a crise é definida como uma crise dos modelos (e dos movimentos) pós-freudianos devido ao seu dogmatismo intelectual, seu reducionismo teórico, seu esquematismo técnico e seus impasses frente aos desafios da clínica atual.

André Green assinala que a crise da psicanálise pós-freudiana é uma crise “melancólica”: tem a marca do luto interminável pela morte de Freud. De maneira sintomática, cada autor pós-freudiano importante quis substituir Freud como figura principal, cada movimento militante buscou reviver a situação original dos pioneiros e do pai fundador. A psicologia do eu, a psicologia do self, os movimentos kleinianos e lacanianos repetiram o mesmo processo, que consiste em instituir seu próprio modelo reducionista, convertê-lo em dogma, generalizar uma

técnica particular e idealizar um chefe de escola.

O projeto contemporâneo, segundo Green, aspira superar essa dinâmica repetitiva. Em vez de um “discurso” ou de um “sistema” greeniano, em vez de um novo idioleto, visa construir uma nova matriz disciplinar, uma articulação de algumas perguntas e algumas diretrizes para orientar um programa de pesquisa que reconheça e aborde os desafios específicos da etapa atual. Um dos elementos mais importantes do movimento contemporâneo que o diferencia dos seus predecessores é a construção de uma posição histórica (e historizante) de filiação pluralista a Freud. O movimento contemporâneo postula como fundamento epistemológico o distanciamento inevitável e potencialmente fecundo com o pai fundador e sua Obra. Além disso, sustenta que toda relação com dita obra é irremediavelmente mediada pelo recorte e pelas opções de cada corrente. É a partir dessa perspectiva que agora podem-se distinguir na história da psicanálise três grandes etapas e movimentos, que correspondem a três tipos de modelos teórico-clínicos (esboçados em 1975): freudianos, pós-freudianos e contemporâneos.

Em uma aproximação sintética, podemos considerar que a matriz disciplinar contemporânea está fundamentada sobre quatro eixos. O primeiro é uma leitura contemporânea de Freud, “crítica, histórica e problemática” (Laplanche, 1986), que volta a situar a metapsicologia e o método freudianos como fundamentos da psicanálise. O segundo propõe uma síntese crítica e criativa das principais contribuições pós-freudianas, assim como uma abertura ao diálogo pluralista com as diversas correntes atuais. O terceiro corresponde a uma ampliação dos limites da analisabilidade, a uma expansão do campo clínico que considera as “estruturas não-neuróticas” como os casos paradigmáticos da prática atual (em correlação com a subjetividade atual) e, portanto, do modelo teórico-clínico. O quarto é um modelo clínico “terciário”, que integra os modelos freudiano (centrado em torno da transferência) e pós-freudiano (centrado em torno da contratransferência) a partir do conceito de enquadre analítico (apoiado, por sua vez, no “enquadre interno” do psicanalista como matriz terciária/terceirizante de simbolização). Além disso, nesse novo modelo, o vocabulário freudiano se estabelece como uma *língua franca* e um *common ground*.

Orientada “em direção a uma psicanálise do futuro” (Green, 2003), a virada do ano 2000 comporta, na trajetória de André Green, um duplo trabalho, individual e coletivo. É preciso

destacar seu importante papel na criação e animação de um movimento “coletivo” (transinstitucional e plurigeracional), que começa com a preparação e o lançamento simultâneos de diversos projetos: um número especial internacional da *Revue Française de Psychanalyse*, “Correntes da psicanálise contemporânea” (uma espécie de Atlas ou de cartografia da psicanálise frente à crise, construído coletivamente com contribuições de todas as regiões e correntes); um histórico Colóquio Aberto da Sociedade Psicanalítica de Paris (SSP) que, pela primeira vez na história, reúne no anfiteatro da UNESCO representantes das duas instituições da IPA (SPP, Associação Psicanalítica da França), do *Quatrième Groupe* e da corrente lacaniana não dogmática (Sociedade Francesa de Psicanálise, EA) em torno da questão do “Trabalho psicanalítico” (tentativa inédita de reunificação do campo analítico pluralista); a criação de um grupo internacional de pesquisa (com colegas de Nova Iorque, Londres, Buenos Aires e Paris) sobre o tratamento das estruturas não neuróticas, que é talvez o primeiro projeto de pesquisa qualitativa na IPA (Green 2007b). Também foram realizadas outras intervenções, publicações e colóquios por (ou com) nosso autor. Permito-me destacar dois dos quais participei: “Os desafios da psicanálise contemporânea: Em torno da obra de André Green”, o consagrador Colóquio Internacional de Cerisy (Urribarri, 2005), que é o primeiro na história dessa centenária instituição dedicado a um psicanalista vivo. E, por último, a produção coletiva talvez mais importante: a publicação, sob a direção de André Green, de *Os novos caminhos da terapia psicanalítica* (2007, Presses Universitaires de France), um volume de 908 páginas que inclui contribuições de trinta e quatro analistas franceses e estrangeiros, uma verdadeira “summa” da psicanálise contemporânea.

Se a produção coletiva visa construir o novo horizonte científico de problemas e de hipóteses que definem o campo contemporâneo, esboçando sua nova matriz disciplinar e seu programa geral de pesquisa, o trabalho individual de Green comporta uma dupla vertente, complementar: por um lado, de reflexão e de propostas para essa matriz contemporânea; por outro, de aprofundamento de seus próprios temas de pesquisa e de seu modelo pessoal.

É possível reconhecer ambas as vertentes em duas importantes obras publicadas no mesmo ano. *Orientações para uma psicanálise contemporânea* (2002) é uma resposta pessoal aos desafios e às perguntas-chave relacionados à crise da psicanálise. Na sua primeira parte, a obra enfoca as problemáticas da prática analítica atual, e, na segunda parte, resume os

principais eixos conceituais do pensamento do seu autor enquanto aportes (ao trabalho coletivo) para respondê-las. O livro procura oferecer tanto um panorama do campo contemporâneo quanto uma bússola para orientação. (Poder-se-ia falar das “orientações para um paradigma contemporâneo”).

*O pensamento clínico* (2002b) é uma obra teórica de peso. Cada um dos seus textos aprofunda os grandes temas e linhas conceituais do pensamento do seu autor. Encontramos ali dois eixos maiores que marcam a temática de seus principais escritos desse período. O primeiro corresponde a uma reflexão renovada e renovadora acerca da clínica, que visa desenvolver um novo modelo clínico terciário, um modelo especificamente contemporâneo (para o qual dedicaremos uma seção especial mais adiante). Esse eixo é expresso mediante a introdução da noção de “pensamento clínico”: “O pensamento clínico é definido como o modo original e específico de racionalidade advindo da experiência prática. Corresponde ao trabalho de pensamento empreendido na relação do encontro psicanalítico” (2002b). O segundo eixo temático dessa etapa corresponde ao estudo da destrutividade: abrange desde o trabalho do negativo nas estruturas não neuróticas (denominação que tende a substituir a de “casos-limite”) até a revisão da teoria da pulsão de morte.

O artigo "A posição fóbica central" (Green, 2002b) conjuga magistralmente os dois eixos mencionados ao apresentar um modelo da associação livre e um estudo de uma modalidade singular de trabalho do negativo antiassociativo. No último artigo do volume, "A crise do entendimento psicanalítico" (escrito de modo semelhante a uma conclusão do mencionado número internacional da Revista Francesa de Psicanálise), ressignifica o conjunto do livro, inscrevendo-o claramente dentro do projeto contemporâneo. Como o leitor pode notar, esses eixos temáticos e esse horizonte conceptual são aqueles que encontramos também em *Ilusões e desilusões do trabalho psicanalítico*. Parece-nos oportuno, então, abordá-los mais detalhadamente.

## **2- A PESQUISA GREENIANA ATUAL: DA DESTRUTIVIDADE AO MODELO CLÍNICO TERCIÁRIO.**

## ***2.1-A DESTRUTIVIDADE E SEUS DESTINOS: REVISÃO E REFORMULAÇÃO DA PULSÃO DE MORTE***

André Green assinala que se vê “na obrigação de reconhecer que a última teoria pulsional de Freud era bem fundamentada afastando-me, ao mesmo tempo, do conjunto teórico no qual Freud a inseriu” (2003b). Conseqüentemente, reivindica a ideia freudiana de uma destrutividade radical, mas procura reformular a teoria da pulsão de morte.

Entre os problemas teóricos e clínicos abordados pela pesquisa sobre a pulsão de morte, é possível precisar duas perguntas que atravessam o trabalho de André Green. Uma é: Como a pulsão de morte opera no aparelho psíquico? E a outra é: Em que se transforma a teoria do narcisismo em relação aos conceitos da última teoria das pulsões? Poderíamos dizer, de forma um pouco esquemática, que a primeira pergunta será abordada mediante a conceitualização do trabalho do negativo. E que, para responder à segunda pergunta, Green problematizará a teoria do narcisismo com a introdução do par “narcisismo de morte/narcisismo de vida”.

Em uma primeira e elementar aproximação geral, digamos que o autor de “O trabalho do negativo” (Green, 1993) concebe a pulsão de morte basicamente como força de desinvestimento, e não como expulsão, ataque ou agressividade, que são manifestações possíveis, mas “secundárias”. Em sua forma primordial, o desinvestimento afeta o próprio processo de ligação, o seu movimento e, em seguida, os seus componentes (representações, objetos, tramas, “vias colaterais”). E, no limite, pode afetar os próprios alicerces organizadores do psiquismo: é o narcisismo de morte (enquanto desinvestimento da própria estrutura e unidade narcísica primária). Desenvolvendo essa visão, Green propõe que o segundo dualismo pulsional freudiano seja reformulado mediante o par conceitual função objetualizante e função desobjetualizante. Desse modo, procura dar um papel central ao objeto na própria dinâmica do desencadeamento e na operatória da pulsão de morte. Trata-se de uma perspectiva processual, consubstancial ao par metapsicológico pulsão-objeto. A pulsão de morte não pode ser entendida exclusivamente em termos pulsionais, e muito menos se estes induzem o reducionismo a um “automatismo repetitivo”, ou o biologismo incoerente de uma “tendência ao retorno ao estado inorgânico” (que propõe uma causalidade biológica para um processo psíquico). Tampouco pode ser entendida em termos de relação de objeto (“inveja primária”, “sadismo”, etc.). Para Green, a pulsão de morte pode ser elucidada mediante a

articulação do intrapsíquico e o intersubjetivo. Assinalemos por último que proporá a denominação de “pulsões de destruição” (2003b), com uma dupla orientação, interna e externa, para substituir o problemático termo freudiano.

Nessa “aventura do negativo” (parafrazeando o título do seu livro sobre Henry James), a sintética palestra de 1984 “Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante” (incluída em “*O trabalho do negativo*”) constitui um marco histórico. Convém recordá-la antes de abordar os desenvolvimentos inovadores da “virada do ano 2000” que assumem a primazia: “Propomos a ideia de que a meta essencial das pulsões de vida é garantir uma função objetalizante. Isso não apenas significa que seu papel é criar uma relação com o objeto (interno e externo), mas também que ela se revela capaz de *transformar estruturas em objetos*. Dito de outra forma, [...], pode fazer chegar à categoria de objeto aquilo que não possui nenhuma das qualidades, propriedades ou atributos do objeto, desde que uma única característica se mantenha no trabalho psíquico realizado: o investimento significativo.[...] No limite, é o próprio investimento que é objetalizado. [...] A meta da pulsão de morte, ao contrário, é realizar ao máximo uma função desobjetalizante através do desligamento”(Green, 1996)<sup>3</sup>.

Para dar conta da reflexão e reformulação da pulsão de morte que marca a “virada do ano 2000”, resenharemos brevemente alguns textos destacados dessa etapa: os livros “*O tempo fragmentado*” (2000), “*Por que as pulsões de destruição ou de morte?*” (2007), e o artigo, sintético e conclusivo, “A morte na vida” (2001).

## **O tempo fragmentado:**

### **A compulsão de repetição e o assassinato do tempo**

Em *O tempo fragmentado* (Green, 2000), a elaboração de uma teoria da heterocronia psíquica (*a árvore do tempo*) dá lugar ao estudo aprofundado da compulsão de repetição. “A descarga da repetição - lê-se aí – tenta produzir o vazio no seio do aparelho psíquico. Nesse sentido, a compulsão de repetição é *um assassinato do tempo*”. Segundo o autor, a compulsão de repetição mortífera não pode ser reduzida a um jogo pulsional do sujeito e deve deixar de ser

---

<sup>3</sup> Ao ler este parágrafo do Posfácio, André Green propôs que fosse inserida a seguinte consideração: “O conceito essencial é o da transformação”.

vista como um automatismo. Tampouco pode ser confundida com a repetição própria do desejo inconsciente, da pulsionalidade desejante. A repetição mortífera é uma compulsão para des-fazer. Ao contrário do “fora-do-tempo”, que caracteriza a repetição do desejo inconsciente, a compulsão mortífera corresponde a um “anti-tempo”.

Nesse contexto, realiza-se uma releitura original, e uma articulação decisiva, dos dois grandes modelos freudianos, da primeira e da segunda tópica, que propõe-se a distinguir entre dois grandes modos de funcionamento. Um é denominado “modelo do sonho”: corresponde à primeira tópica e ao funcionamento neurótico, centrado no desejo inconsciente e caracterizado pelo trabalho das representações de coisa e de palavra guiadas pelo princípio do prazer. O outro é denominado “modelo do ato”: corresponde à segunda tópica e ao funcionamento não neurótico; baseado nas moções pulsionais do Id e centrado na alternativa entre a ligação simbolizante ou a descarga/evacuação direta através do ato (*agieren*), que provoca um curto-circuito na representação, e abre caminho para a compulsão repetitiva. Clinicamente, esses dois modelos têm uma correlação com a possibilidade de utilizar, ou não, o enquadre como espaço potencial para a simbolização. (O que remete, por sua vez, como veremos em seguida, ao funcionamento, ou não, da estrutura enquadrante).

O autor de “A diacronia na psicanálise” propõe considerar a compulsão de repetição como um estado que subverte o domínio do princípio do prazer em virtude de um fracasso que este teria sofrido nas condições da sua instauração, e que implicam em falhas do objeto primário. Do ponto de vista do par pulsão-objeto, a compulsão de repetição, indo além (ou aquém?) do princípio do prazer, surge da impossibilidade de elaborar uma solução aceitável, compatível, entre o funcionamento pulsional e o funcionamento do objeto primário. Não se trataria tanto de imaginar a compulsão como expressão direta de um impulso ou uma meta destrutiva “originários”, e sim como um estado ou dinâmica resultante de uma situação traumática anterior. Green a situa depois dos dois períodos primordiais apontados por Freud em “Além do princípio do prazer”: o momento da ligação originária (preparatória da instauração do princípio do prazer) e o próprio momento da instauração do princípio do prazer, que, nesses casos, fracassa precocemente (ou entra em colapso mais tarde).

Esse estado não geraria nem uma regressão, nem uma fixação, nem uma defesa, e sim uma *subversão* da lógica do psiquismo, uma subversão das metas fundamentais da relação entre o

eu originário (narcísico) da criança, que quase não se diferencia de suas pulsões, e o objeto primário. Subversão que, na clínica, podemos reconhecer na lógica paradoxal e autodestrutiva predominante no funcionamento limítrofe. Paradoxos que envolvem diretamente um Eu (terceiro polo fundamental, entre a pulsão e o objeto, desse modelo complexo): “a compulsão de repetição triunfa quando o Eu é incapaz de tolerar uma decepção da realidade (do objeto externo) ou uma intensificação temporária do investimento pulsional”.

Para Green, é necessário compreender a compulsão de repetição sob o ângulo duplo de uma impossibilidade de renunciar à satisfação imediata e de uma tentativa de expulsão (da frustração/dor) para fora do espaço psíquico. A repetição mortífera visa a uma espécie de descarga negativa (oposta tanto à ação específica quanto à satisfação fantasiosa/alucinatória) na modalidade do *agieren*: uma atuação que busca extinguir a pressão pulsional, o afeto doloroso, a impotência passivizante que aproxima/antecipa o desamparo. O sujeito renuncia a conservar a marca da experiência psíquica que poderia oferecer um objeto ao pensamento, uma saída pela via da representação e da objetualização. A marca do trauma deixa uma ferida que qualquer investimento que a integre ao processo representativo ameaça reabrir. A função e o processo de representação são afetados. Até mesmo as próprias marcas mnêmicas podem ser afetadas, o que as torna inacessíveis ao trabalho psíquico, instaurando uma espécie de “memória amnésica”. (Isso explica a antiga afirmação de Green de que, nas estruturas não neuróticas, há um transtorno funcional da representação de coisa, inabilitada a cumprir sua função nodal de servir de ponte entre a pulsão e a linguagem).

Por isso, mais do que uma compulsão a repetir, Green sustenta que se trata de uma compulsão a des-fazer, a desvincular, na qual predomina “o modelo do ato”: o *agieren* provoca um curto circuito do pensar, desfaz a trama simbolizante, bloqueia a formação de sentidos e comprime o espaço da representação. Descreve-se a imagem de um funcionamento em circuito fechado, que gira no vazio que ela mesma cria. Esse caráter fechado da repetição delata sua natureza solipsista e a vincula a certas formas extremas de narcisismo (negativo). Assim, Green retoma sua tese de *O trabalho do negativo* referente aos fracassos da análise, na qual postula o papel do narcisismo mortífero, combinado com o, e camuflado por trás do, masoquismo (originário) da reação terapêutica negativa.

Para encontrar uma saída, Green sustenta que o maior problema é o da passagem de uma ligação intrapsíquica (reforçada narcisisticamente e consolidada por sucessivas repetições) para outra nova ligação, intersubjetiva, objetualizante: esta implica em romper o círculo do eterno retorno, mas corre-se o risco de renovar o trauma que esteve na origem da formação repetitiva. Dita abertura a uma nova (talvez inédita) ligação intersubjetiva, apenas o analista seria suscetível de oferecê-la, propondo-se ao analisante como objeto que está aberto e acolhe o aleatório, o imprevisível, da experiência, inclusive o risco de fracassar. Nas palavras de Green: “Todo o segredo do trabalho do analista consiste em deixar se destruir sem resistir – na medida do possível, e sem deixar de pensar/interpretar – para que a operação destrutiva seja útil”. Isto é, para que a energia mortífera, desobjetualizante (narcisismo negativo) se vincule e se relacione a um pouco de libido sádica dirigida ao objeto. “É então por um deslocamento ou transferência da ligação primitivamente intrapsíquica – que se descarrega quase automaticamente a fim de que nada se conserve – que se procura a criação de uma ligação intersubjetiva, mediante a qual a relação (transferencial) possa ser objetualizada. É então quando o jogo da representação é recuperado, ampliado, enriquecido, diversificado – torna-se vivo, em suma”.

**“Por que as pulsões de destruição ou de morte?”:**

### **Reintrodução do narcisismo**

O livro *“Por que as pulsões de destruição ou de morte?”*, publicado em 2007, cobre o vasto campo do seu tema: revisa os trabalhos de Freud de 1919 a 1938, os estudos pós-freudianos, as descrições das estruturas clínicas não neuróticas e seu papel no “mal-estar cultural”. *Ilusões e desilusões* pode ser lido, em parte, como a continuação que prolonga e completa esse livro, com o qual constitui um díptico contemporâneo sobre a destrutividade e seus destinos.

O núcleo mais original dessa publicação surge da releitura de *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920). Tal releitura propõe “descobrir” em Freud uma nova compreensão acerca das relações entre pulsões de vida e de morte, que destaca o papel do narcisismo (positivo). Green se concentra no primeiro capítulo, onde Freud “se dispõe a formular uma nova dialética que opõe as forças de morte (ou destruição) com a libido (narcísica primeiro, depois objetual). Queremos detalhar os pensamentos subjacentes a esse desenvolvimento, porque, segundo

nosso conhecimento, ele [Freud] não chegou a fazer isso.”(Green, 2007)

Eis aqui a passagem freudiana que inspira o pensamento de Green: “Partimos da grande oposição entre as pulsões de vida e pulsões de morte. O amor de objeto nos apresenta uma segunda polaridade semelhante, a do amor (ternura) e do ódio (agressividade) Não cabe aqui formular a hipótese de que o sadismo é, propriamente falando, pulsão de morte que foi expulsa do ego pela libido narcísica, de tal maneira que essa [destrutividade] não aparece a não ser no nível [da relação sádica com] o objeto?” (Freud, S, 1920). Nosso autor ressalta que Freud assinala a origem pulsional destrutiva do sadismo dirigido ao objeto, e propõe que primeiro essa destrutividade teria ameaçado aniquilar o sujeito. Conseqüentemente, Freud introduz a ideia de uma resistência à destrutividade graças à força da libido narcísica. Nosso autor conclui que o “poder narcísico” se esforça para fazer triunfar a vida, dirige-se em suas fases iniciais a impedir que o sujeito seja presa da destrutividade, que impediria toda organização e estruturação psíquica.

Segundo Green, a hipótese explícita proposta por Freud nesse trabalho, que postula uma ligação originária, precursora e condição para a instauração do prazer como princípio, revela-se sustentada pela ideia subjacente de que o narcisismo primário é o agente necessário desse processo.

“Recordemos –escreve Green – que o ego não pode ser construído a não ser sobre um fundamento de prazer *purificado*. Esse prazer, que deve existir sob uma forma “pura” para que o Ego se constitua, opõe-se à destrutividade. Por outro lado, o que não é expulso “purificadamente” do Ego e vinculado sob a forma de sadismo ou agressividade constituirá um resíduo mortífero (masoquismo originário, narcisismo negativo) que, durante a vida, estará a serviço das tendências autodestrutivas do indivíduo.”

Aos olhos de Green, o papel que Freud dá para o narcisismo, segundo Freud, é tão crucial quanto incomum: é o primeiro alicerce psíquico, que resiste aos ataques da pulsão de morte. O narcisismo é ao mesmo tempo o agente e o resultado do primeiro triunfo das pulsões de vida em sua luta contra a pulsão de morte. Cito o texto greeniano: “O narcisismo expulsa a morte, impede que ela aniquile a vida. O narcisismo busca consolidar-se enquanto primeira forma de

investimento do Ego que desejaria assegurar a vitória de Eros. Ao final dessa batalha, a libido sexual objetual estará em condições de se desenvolver segundo as conhecidas fases da sua evolução. O amor de objeto se transforma na meta mais fundamental [do aparelho psíquico].” Em seguida, Green conclui, com admiração e entusiasmo: “Freud, em duas frases, disse tudo isso.”

Em que se transforma então a teoria do narcisismo em relação aos conceitos de pulsão de vida e de pulsão de morte que lhe sucedem? Contra a *doxa* que considera essa teoria superada, Green demonstra que “o narcisismo é uma pedra angular na teorização da pulsão de morte”. Assim, aprofunda a articulação do narcisismo e da pulsão de destruição como um eixo teórico para orientar a pesquisa contemporânea sobre as estruturas não neuróticas e os fracassos da cura.

**“A morte na vida”:**

#### **As pulsões de destruição com orientação interna e externa**

A força desse artigo (Green, 2003b) provém de um trabalho de síntese que culmina em uma pontuação rigorosa sobre a pulsão de morte. O artigo começa com um balanço que permite revisar os aportes pessoais do autor sobre esse tema, assim como suas posições a respeito de Freud. Os pontos de encontro são numerosos: o reconhecimento da validade da última teoria das pulsões; a articulação das noções de intrincação e desintrincação pulsional; a validade das referências ao masoquismo, ao sentimento inconsciente de culpa e à reação terapêutica negativa para dar conta da repetição, indo, dessa forma, além do princípio do prazer.

Entre as divergências, podemos citar: a sugestão de uma retificação terminológica que propõe substituir a expressão “pulsão de morte” por “pulsões de destruição” (com uma dupla orientação, interna e externa); a negação da pulsão de morte como tendência teleológica à descarga completa das tensões visando o retorno ao estado inorgânico; uma dúvida sobre o caráter primeiro da orientação interna (masoquismo originário), “porque, nesse ponto, a análise do interno aparece como o resultado de um movimento em direção ao exterior não terminado e que se investe sobre si mesmo”; um questionamento a propósito do caráter regressivo espontâneo da pulsão nos campos independentes do princípio do prazer.

Depois desse balanço, Green desenvolve uma série de reflexões que sintetizaremos. Para ele, a pulsão de morte:

- Não existe em um estado de atividade permanente, mas se instala depois de uma série de frustrações, vividas em silêncio ou em uma ruidosa agitação.

- Não tem, com relação às pulsões de vida, nenhuma supremacia, nenhuma subordinação, nenhuma irreversibilidade.

-Depende, em grande medida, da relação com o objeto. Portanto, se uma das funções do objeto é contribuir para a intrincação das pulsões, os fracassos do lado do objeto podem provocar reações de desintrincação que favorecem a expressão das pulsões de destruição.

-Na análise, a pulsão de morte pode ver seus efeitos modificados favorável ou desfavoravelmente. É de todo modo ilegítimo atribuir à pulsão de morte todos os fracassos da análise.

“Esses pontos – conclui Green – deveriam permitir que me distancie suficientemente da especulação freudiana, sem por causa disso renunciar à ênfase em uma destrutividade fundamental que entra em conflito com as pulsões de vida”

## **2.II- O PENSAMENTO CLÍNICO CONTEMPORÂNEO:**

Pode-se dizer que, no movimento contemporâneo, à pesquisa sobre a destrutividade lhe “responde” dialeticamente a introdução do pensamento clínico –que implica em uma expansão e renovação do trabalho psíquico do analista e da sua criatividade na prática.

O modelo clínico contemporâneo, como havíamos assinalado, visa integrar os aportes, e superar os limites e impasses, dos modelos freudiano e pós-freudiano<sup>4</sup>. De forma esquemática, pode-se destacar que, no modelo freudiano, a teoria é centrada no conflito intrapsíquico (entre desejo e defesa); as psiconeuroses de transferência constituem o quadro clínico paradigmático, de referência, que ilustra e confirma o modelo; a prática visa a análise das resistências e a cura passa pela dissolução da neurose de transferência.

---

<sup>4</sup> Para um desenvolvimento detalhado desses três modelos clínicos, remeto à minha contribuição ao livro do grupo de pesquisa de IPA acerca das estruturas não neuróticas criado por André Green (Urribarri, F. 2007).

Os modelos pós-freudianos, por sua vez, deslocam o foco da teoria para o objeto (em algumas regiões como relação de objeto, em outras como laço estrutural com o Outro/outro), desenvolvendo uma perspectiva predominantemente intersubjetiva ou relacional; correlativamente, a técnica se modifica, acentuando o papel central do analista (do objeto da transferência): na corrente anglo-saxônica, prioriza-se a contratransferência, e na lacaniana destaca-se o desejo do analista; na clínica, o funcionamento psicótico (e secundariamente o das crianças) é tomado como referência central, paradigmática.

O modelo contemporâneo propõe uma nova síntese ou matriz disciplinar. A teoria concebe o sujeito psíquico como processo heterogêneo de representação que simboliza as relações em e entre o intrapsíquico (centrado na pulsão) e o intersubjetivo (centrado no objeto). Na clínica, os casos-limite transformam-se nos novos quadros paradigmáticos, o que promove a exploração/expansão dos limites da analisabilidade e das possíveis variações do método. A introdução do conceito de enquadre inaugura um esquema triádico (enquadre/transferência/contratransferência) do processo analítico.

Difícilmente se pode exagerar a importância da inovação constituída e promovida pela introdução do conceito de enquadre (Winnicott, Bleger, W. y M. Baranger, J.L. Donnet, J. Laplanche, A. Green, R. Rousillon). O enquadre se distingue da mera situação material e é concebido como uma função constituinte do encontro e do processo analítico. De natureza transicional (entre a realidade social e a realidade psíquica), o enquadre é instituição e encenação do método analítico, do seu núcleo dialógico e da sua matriz simbolizante. O enquadre institui o espaço analítico, que é um terceiro espaço que torna possível o encontro e a separação (a discriminação) entre o espaço psíquico do paciente e o do analista. Contenção e distância: o enquadre delimita o espaço potencial que torna possível a comunicação analítica. Seu estatuto é ao mesmo tempo clínico e epistemológico: o enquadre é condição para a constituição do objeto analítico (Green), objeto terceiro, distinto do paciente e do analista, produzido pela comunicação de cada par analítico singular.

Desde o ano 2000, o autor de “O pensamento clínico” produziu, como nunca antes, numerosos trabalhos de conceitualização dos fundamentos da técnica e da clínica: acerca da

contratransferência, do processo, da interpretação, e especialmente, do enquadre<sup>5</sup>. Essas teorizações estão vinculadas a posições polêmicas, que visam principalmente sustentar o caráter psicanalítico da prática com variações de enquadre -como a “psicoterapia analítica”, ou o trabalho “cara a cara”. Green propõe distinguir no enquadre entre uma fração variável e uma fração constante. A fração constante corresponde à “matriz ativa”, de natureza dialógica, constituída pela associação livre do paciente unida à escuta flutuante e à neutralidade benévola do analista; matriz dialógica que forma o núcleo da ação analítica com independência relativa das formas de trabalho. A fração variável constitui uma espécie de “estojo protetor” da matriz ativa, e corresponde às disposições materiais, secundárias, tais como a frequência, a posição do paciente, e os diversos aspectos do contrato analítico.

O enquadre, sustenta Green, transforma-se em uma ferramenta diagnóstica. A possibilidade de utilizar ou não o enquadre como espaço analítico potencial no qual seguir a regra fundamental permite avaliar as possibilidades e dificuldades do funcionamento representativo. Com pacientes não neuróticos, então, as modificações de enquadre (menor frequência de sessões, posição cara a cara, etc.) estão fundamentadas com o objetivo de estabelecer as melhores condições possíveis para o funcionamento representativo. Porém, essas variações decorrentes da impossibilidade ou inadequação de aplicar o enquadre psicanalítico tradicional conservam uma referência no trabalho psíquico do analista, ao que mais se aproxima do modelo da cura: o enquadre interiorizado pelo analista em sua própria análise, disponível como enquadre virtual antes que como protocolo concreto. A diversidade da prática, com seus enquadres variáveis, encontra sua unidade (ao mesmo tempo seu fundamento e sua condição de possibilidade) no "enquadre interno do analista" (2000b) como aval do método.

Em oposição à ideia de que as psicoterapias psicanalíticas são variantes mais simples e superficiais do trabalho analítico, elas são reconhecidas em sua complexidade e sua dificuldade. Do lado do analista, ressalta-se a necessidade de um trabalho psíquico especial para tornar representável, pensável, analisável o conflito psíquico situado nos limites da analisabilidade. Por exemplo: a escuta deve combinar a lógica dedutiva (do modelo freudiano) com uma lógica indutiva. Na formulação da interpretação, explicita-se seu caráter conjectural,

---

<sup>5</sup> No contexto da minha colaboração com André Green, recentemente concluímos a seleção de dez desses artigos para um novo livro de sua autoria que será publicado em 2012 com o título (provisório) “*Desafios da clínica psicanalítica contemporânea*”.

utilizando-se o modo condicional ou interrogativo, para permitir que o paciente tenha uma “margem de jogo”, podendo aceitá-la ou recusá-la. Diante do mutismo (de cunho lacaniano) e da tradução simultânea (de inspiração kleiniana), a matriz dialógica do método volta a ser valorizada e aprofundada. A noção de diálogo analítico ganha um destaque conceitual, e não apenas descritivo. Em ambos os casos – psicanálise ou psicoterapia – pode-se dizer que o objetivo é semelhante: a constituição ou o desdobramento de um enquadre interno (ou interiorização do enquadre), mediante o qual o núcleo dialógico (intersubjetivo) da análise se transforma em uma matriz intrapsíquica reflexiva (Urribarri, 2005).

Propus considerar que a psicanálise contemporânea pensa o trabalho psíquico do analista como um eixo conceitual terciário, que inclui a atenção flutuante e a contratransferência como dimensões complementares (Urribarri, F. 2007). Nesse contexto, surge a noção de "enquadre interno do analista", concebido como matriz representativa pré-consciente. O trabalho psíquico do analista articula uma série de dimensões e operações heterogêneas (escuta, figurabilidade, imaginação, elaboração da contratransferência, memória pré-consciente do processo, historização, interpretação, construção, etc.). Seu funcionamento ótimo é o dos "processos terciários", sobre os quais se fundamentam a compreensão e a criatividade do analista. Nesse contexto, a contratransferência é redefinida: em vez da noção pós-freudiana “totalizadora” (que subordina a totalidade do funcionamento do analista), aparece o conceito de contratransferência integrada ou enquadrada. De “conceito-marco”, passa a ser um conceito “demarcado”, nessa concepção mais ampla e complexa do trabalho psíquico do analista.

A introdução do conceito de enquadre inaugura um esquema triádico (enquadre – transferência- contratransferência) do processo analítico: se a transferência e a contratransferência são o motor, o enquadre constitui o seu fundamento. Nessa perspectiva, o enquadre é polissêmico, conjugando diversas lógicas para as quais a escuta deve estar aberta: a da unidade (do narcisismo), a do par (mãe-bebê), a do transicional (da ilusão e do potencial), a do triangular (da estrutura edípica). Concordando com essa polissemia do enquadre, a posição do analista também é múltipla e variável: não pode ser nem predeterminada nem fixa; nem como pai edípico nem como mãe continente, etc. O analista deve *jogar*, tanto no sentido teatral e musical como no lúdico, em função dos cenários desdobrados na singularidade do

campo analítico. Visto que o inconsciente “fala em diferentes dialetos”, o analista deve ser “poliglota”.

Para concluir esta breve resenha, podemos recapitular algumas ideias que definem o modelo clínico contemporâneo como terciário: O objeto analítico, objeto terceiro formado pela relação analítica. O enquadre, elemento terceiro, de estatuto transicional. O tripé do processo analítico: transferência / contratransferência / enquadre. O enquadre interno do analista, aval da terceiridade, quando o campo analítico tende em direção a uma dinâmica dual, bidimensional. O trabalho psíquico do analista, eixo conceitual terciário que inclui a atenção flutuante (perspectiva intrapsíquica, análise de conteúdo) e a contratransferência (perspectiva intersubjetiva, análise da relação e do continente), subordinando-as a uma gama mais ampla e complexa de operações, na qual se destaca a imaginação (a criatividade) psicanalítica. Os processos terciários, núcleo do trabalho psíquico do analista, do seu pensamento clínico.

### **2-III- A ESTRUTURA ENQUADRANTE:**

#### **O MODELO TEÓRICO IMPLÍCITO DA CLÍNICA GREENIANA**

Para André Green, a representação é a função básica do psiquismo, e, conseqüentemente, surgiu a “representação-meta” da psicanálise. Ao registrar os novos fundamentos metapsicológicos, mencionamos a “teoria generalizada da representação”. Acrescentaremos agora que essa teoria possui dois eixos conceituais complementares: um corresponde à expansão dos tipos de representação (abrangendo desde o representante psíquico da pulsão até a linguagem) e à diversificação dos processos postos em jogo (processos originários, semióticos, terciários, etc.). Esse destaque para a heterogeneidade, para o processual e para o poético tem seu complemento na teoria da terceiridade, que postula o contato e a mediação como função psíquica de base. Essas ideias convergem em uma “lógica da heterogeneidade” (Green, 1998b), núcleo dinâmico no qual se apoia o pensamento clínico.

O outro eixo corresponde às condições de instauração e de funcionamento (ao mesmo tempo intrapsíquicas e intersubjetivas) do processo representativo: está centrado na noção de “estrutura enquadrante”. Ocupar-nos-emos desse conceito, o qual proponho considerar como o modelo teórico implícito da clínica em André Green -no mesmo sentido em que o autor

sustenta que o sonho é o modelo teórico implícito do enquadre para Freud (Urribarri, 2005).

Desse modo, retomo por minha conta a consideração capital que se pode ler, justamente, nas “Aberturas para a futura pesquisa”, com as quais Green conclui *O trabalho do negativo*: “A estrutura enquadrante não é perceptível enquanto tal a não ser através das produções às quais dá lugar no enquadre (clínico)”. E em seguida acrescenta: “Como não dizer que é aqui onde encontramos a justificativa profunda do enquadre analítico, tanto de sua necessidade quanto de sua função de revelador do enquadre interno que preside os destinos das esferas perceptivas e representativas?”.

### **A constituição da estrutura enquadrante**

Desde 1967, André Green elucida e desenvolve a concepção freudiana do narcisismo primário, considerando-o como uma estrutura fundamental do aparelho psíquico (e não somente como um estado ou como uma fase do desenvolvimento libidinal). Nessa perspectiva, o narcisismo primário permite a separação primária, constituindo a estrutura enquadrante do psiquismo como uma matriz de sentido que reforça uma dupla dimensão pulsional e identificatória.

A estrutura enquadrante é concebida como o resultado da interiorização do suporte materno primário, graças aos mecanismos de duplo retorno das pulsões e de alucinação negativa da mãe. Enquadre materno carnal, corporal, constituído no corpo a corpo da relação. “A perda do peito, contemporânea da percepção da mãe como objeto total, que implica que o processo de separação entre a criança e esta tenha se realizado, dá lugar à criação de uma mediação necessária para atenuar os efeitos da sua ausência e permitir sua integração ao aparelho psíquico [...]. Essa mediação é a constituição no interior do ego, do enquadre materno como estrutura enquadrante”(Green, 1967). Recordemos um aforismo greeniano: a psique é a relação entre dois corpos, dos quais um está ausente.

“A mãe, diz André Green, é tomada no enquadre vazio da alucinação negativa e torna-se estrutura enquadrante para o próprio sujeito (1967)”. A alucinação negativa cria um espaço potencial, em branco, para a representação e o investimento de novos objetos. Essa

estruturção é também o resultado do mecanismo de defesa, anterior à repressão primária, do duplo retorno da pulsão (volta para a própria pessoa e transformação no contrário) que redireciona para si o circuito da investidura fusional do objeto transformando-o em organização narcísica primária. Apontemos outro aforismo: o sujeito é o que resta quando o objeto é retirado.

Ao mesmo tempo em que produz a separação primária, do interior e do exterior, do sujeito e do objeto, esse processo delimita (esboça) dois subespaços internos, que estão separados, mas conectados (por esse motivo Green os compara a uma cinta de Moebius). Essa delimitação interna corresponde à diferenciação entre os investimentos pulsionais (eróticos e destrutivos) e os investimentos narcísicos (ideais), sublimatórios e egoicos de meta inibida. Em outras palavras: uma discriminação narcísica primária entre polo pulsional e polo identificatório.

É importante ressaltar a ideia greeniana segundo a qual a constituição do limite interno-externo se vê redobrada pela primeira separação interno-interno na qual poderá apoiar-se a repressão primária, que será consolidada mediante uma clivagem estrutural. (Pode-se dizer, justamente, que nos casos-limite o fracasso relativo dessa estruturção diferenciada do psiquismo determina as falhas na organização narcísica e os conflitos limítrofes expressos pela dupla angustia de intrusão e de abandono).

Green revisa e propõe completar a sequência proposta por Freud em “A negação” (1924). A constituição narcísica da estrutura enquadrante do ego é considerada uma etapa intermediária necessária na evolução do “Ego-prazer purificado” para o “Ego-realidade definitivo”. “Não se trata ainda de um ego-realidade definitivo e sim de um ego capaz de formar representações de certa duração e de jogar com essas representações” (Green, 1982). Poderíamos denominá-lo um “ego-representância”. Essa origem evolutiva intermediária instituir-se-á como organização intrapsíquica de um espaço intermediário: a estrutura enquadrante pode ser definida como um espaço transicional intrapsíquico. É a primeira formação intermediária entre a pulsão e o objeto.

A estrutura enquadrante funciona como uma interface entre o intrapsíquico e o intersubjetivo. É justamente a articulação dessas duas dimensões que constitui o fio do conteúdo” (Green,

2001, comunicação pessoal). Enquanto núcleo da subjetividade, a organização narcísica primária constrói uma intersecção e uma mediação entre o sujeito e o objeto, dando lugar, segundo Green, à criação de objetos narcísicos, transicionais e transnarcísicos, que superam a oposição entre o narcísico e o objetal (como o objeto analítico). Aprofundando essa linha, Green propõe a ideia de que a estrutura enquadrante é a sede ou plataforma da função objetalizante.

A perspectiva greeniana postula o surgimento do sujeito psíquico como resultado da criação de uma organização narcísica primária que articula o pulsional e o identificatório. Apoiada sobre o narcisismo materno, essa organização cria (e é criada por) uma estrutura enquadrante que é ao mesmo tempo plataforma de investimento e espaço de representação. Fonte do “ego-sujeito” (Green, 1983b) ou da “linhagem subjetal” (Green, 2002), a organização narcísica é a matriz da auto-organização psíquica e funciona como uma interface, um espaço terceiro, intermediário, com uma autonomia relativa entre o par pulsão-objeto. Ela institui assim a estrutura terciária do psiquismo segundo as triades pulsão-ego-objeto, pulsão-representação-objeto e sujeito-objeto-Outro do objeto.

“Acredito que podemos considerar que, dentro dos limites da estrutura enquadrante, aquilo que a estrutura enquadra, encerra, limita, é um espelho. Esse seria o primeiro estágio posterior ao estágio em branco (...). Se falo metaforicamente de espelho não é em relação à imagem e sim porque a estrutura enquadrante constitui a matriz da autorreferência e da reflexibilidade. A reflexibilidade é parte de todo processo não evacuativo, não dessimbolizante. De fato, penso que a estrutura enquadrante é fonte de uma dupla autorreflexibilidade. Uma reflexibilidade global (consigo mesmo) e uma reflexibilidade interna local, das diferentes instâncias e componentes enquadrados entre si” (Green; Urribarri, 2001).

Essas considerações acerca da estrutura enquadrante como matriz de simbolização primária tornam-se mais claras se precisamos certas correlações, embora esquematicamente. A reflexibilidade global corresponde à “função de auto-observação do afeto” (Green 1973), que, em nível da organização narcísica primária, pode se referir ao que Green denomina “afeto de existência”. (Ou, ao contrário, ao sentimento de vazio decorrente de falhas nessa mesma organização). Quanto à reflexibilidade local, pode ser entendida como uma fonte do

pensamento, definido como “representação da relação entre representações”. (Ambos os tipos de “reflexibilidade”, por sua vez, correspondem às formas matriciais dos processos terciários).

Por último, digamos que essas ideias abstratas revelam facilmente seu valor clínico se pensamos que a associação livre requer um desdobramento reflexivo: o analisante deve verbalizar suas associações e simultaneamente deve se escutar, e também deve ser capaz de fazer associações acerca de suas próprias associações. Esse segundo aspecto implica uma receptividade reflexiva, um reconhecimento (como subjetivo) do que lhe vem à mente. É justamente nesse nível que constatamos uma grave interferência nas estruturas não neuróticas, nas quais os processos terciários são afetados pela ruptura.

Resumamos as principais características e funções da estrutura enquadrante: 1) É a matriz organizadora do narcisismo primário, estrutura de base do psiquismo, que permite (e sustenta) a separação com relação ao objeto; 2) Estabelece o conteúdo psíquico mediante um duplo limite ego-pulsão e ego-objeto, funcionando como interface entre o intrapsíquico e o intersubjetivo; 3) É a primeira formação intermediária entre as pulsões e os objetos, constitui um espaço transicional interno, cria o espaço potencial da representação; 4) É base da função objetualizante e dos processos terciários; 5) É a matriz da auto-organização psíquica na qual autoinvestimento e autorrepresentação convergem em um princípio de unidade-identidade primária que estabelece um polo identificatório, condição da subjetivação da pulsão (polo de autorreferência que poderá dar lugar à reflexibilidade e ao reconhecimento).

### **A estrutura enquadrante como modelo:**

#### **O enquadre, o pensamento clínico e o enquadre interno do analista.**

1- **A representação e o irrepresentável.** Green propõe completar o modelo freudiano, centrado na satisfação alucinatória do desejo, unindo-a à alucinação negativa. Esta é o reverso invisível, a condição e o complemento da representação inconsciente. A estrutura enquadrante como núcleo da organização narcísica constitui uma matriz que reúne o trabalho do negativo e a emergência representativa (o desinvestimento da percepção que cria o espaço em branco, como uma tela, no qual o filme da fantasia poderá ser projetado). A representação como investimento (da marca mnêmica) é precedida (e possibilitada) pelo desligamento, segundo

um modo complementar àquele do símbolo, e pela ausência (do objeto simbolizado).

Representa-se o que está ausente. Definida como a representação da ausência de representação, a alucinação negativa da mãe é, nesse contexto, constitutiva da categoria intrapsíquica da ausência, condição de possibilidade e suporte da representação. A ausência é uma dimensão intermediária entre a presença e a perda. Possibilita a articulação das dimensões intrapsíquica e intersubjetiva. A ausência é concebida como a origem e o indício da terceiridade: a ausência do objeto é a fonte do outro do objeto, referência germinal ao terceiro, ao “pai”.

Essa teorização propõe o irrepresentável não apenas como um limite à ligação representativa ou figurativa, como é o caso do representante psíquico da pulsão, mas também como uma alteridade radical da representação: seu outro complementar ou antagonista. Agora o irrepresentável corresponde ao “branco” da alucinação negativa como expressão do desinvestimento: expressão – vinculada ou desvinculada – à pulsão de morte, isto é, a um trabalho do negativo cujo espectro inclui tanto a descorporificação e a abstração normais quanto a clivagem e o desinvestimento patológico.

Essa conceitualização do desligamento introduz um modelo geral do funcionamento psíquico (e da simbolização em particular) segundo a tríade: ligação-desligamento-religamento. Partindo dessa perspectiva, a comunicação analítica pode ser reavaliada, considerando a complementariedade do silêncio e do discurso na técnica analítica. Nesse sentido, pode-se fundamentar a crítica, por um lado, do mutismo (e a “regra do silêncio” de certos lacanianos), que desconhece seu efeito de desligamento mortífero nas estruturas não neuróticas, e, por outro, das intervenções tipo “tradução simultânea”, que ignoram a dimensão elaborativa do silêncio. Encontramos aqui o fundamento teórico da revalorização da dimensão dialógica do trabalho analítico.

**2) A estrutura enquadrante e o enquadre.** André Green demonstrou que o sonho constitui, em Freud, o modelo implícito para a criação do enquadre analítico. Nosso autor, por sua vez, propõe a estrutura enquadrante como fundamento (do modelo) do sonho. Isto é, a estrutura enquadrante é a condição do (espaço e do trabalho do) sonho, que é por sua vez o modelo do

enquadre analítico (e das suas possíveis variações). Desse modo, Green põe em jogo uma série de pares conceituais complementares cuja articulação (e homologia) fundamenta o modelo do enquadre. Tais pares são, de forma muito esquemática: representação/ausência, realização alucinatória/alucinação negativa, sonho/tela branca do sonho, associação livre/enquadre analítico.

Ao mesmo tempo, devemos recordar a tese segundo a qual o processo analítico é definido como “retorno para si mesmo mediante a passagem pelo outro”: agora podemos reconhecer facilmente nessa referência (ao “duplo retorno” da constituição do narcisismo primário) o papel da estrutura enquadrante como fundamento (ou modelo teórico implícito) da clínica.

Essa perspectiva permite lançar luz sobre o díptico dos *dois modelos, do sonho e do ato*, proposto por Green (2000) para dar conta das diferenças entre as perspectivas teórico-clínicas derivadas da primeira e da segunda tópicos freudianas (às quais correlaciona, por sua vez, com as diferenças entre a análise de estruturas neuróticas e não neuróticas). Veremos que esses modelos se enriquecem ao referi-los ao funcionamento ou ao dis-funcionamento da estrutura enquadrante. O referido díptico, além disso, permite esclarecer o papel do enquadre na situação analítica clássica, e seus impasses (e variações) nas situações que se estão nos limites da analisabilidade.

No modelo do sonho (realização e mascaramento do desejo inconsciente) as representações são um dado de base do psiquismo: criam as “cadeias de Eros” ao ligar e articular a pulsão, “encadeando-a” ao processo representativo. Isso supõe que a função continente da estrutura enquadrante esteja bem estabelecida o suficiente para que a análise possa concentrar-se no conteúdo segundo um eixo primordialmente intrapsíquico. A clínica se fundamenta assim sobre a compatibilidade existente entre representação de coisa/representação de palavra, reunidas transferencialmente na associação livre. O processo se articula segundo a trípole “enquadre / sonho / interpretação”.

Relacionado à segunda tópica – na qual se observa a substituição do inconsciente pelo Id – o modelo do ato (agieren) está centrado sobre a moção pulsional e os fracassos de seu vínculo com a representação. (Agora o ligação representativa é um resultado possível mas já não é um

gado de partida). O trauma e a compulsão de repetição mortífera tomam o lugar da realização do desejo. A referência às falhas na relação com o objeto primário e, correlativamente, à prevalência de um narcisismo de morte tornam-se centrais. A estrutura enquadrante como espaço de representação é superada por um funcionamento evacuativo, projetivo, dessimbolizante.

O irrepresentável irrompe na cena analítica e põe em cheque tanto a associação livre como a atenção flutuante. Nessas situações, o modelo da estrutura enquadrante dá fundamento teórico e orienta as variações no enquadre e na técnica. A construção do conteúdo psíquico e do pré-consciente como espaço transicional interno, e base dos processos terciários, torna-se uma condição para a análise do conteúdo. É nesse contexto em que, como referente da técnica, o sonho (a interpretação do conteúdo latente) é substituído pelo jogo (a coconstrução do sentido no espaço intersubjetivo como condição para sua introjeção no, e estruturação do, intrapsíquico). Por exemplo, nas situações em que se torna conveniente o trabalho “cara a cara”, em que constatamos que o sobreinvestimento da percepção funciona como um contrainvestimento da representação. A aposta do jogo analítico à representação visa à interiorização (que contenha a compulsão evacuativa) na atualidade da sessão. O eixo interpretativo centrado no intrapsíquico deve ser articulado com –e em certa medida deslocar-se em direção ao – intersubjetivo. Prioriza um “trabalho do limite” que busca correlativamente delimitar/construir fronteiras internas (formações intermediárias entre as instâncias) e externas (entre o ego e o objeto). Por isso, sugerimos que o processo estaria organizado segundo outra trípole: “enquadre interno / ato / interiorização” (sendo essa interiorização o resultado tópico do processo dinâmico do religamento mediante a figuração e representação).

### **3) O pensamento clínico e o enquadre interno do analista.**

Do lado da escuta, do trabalho psíquico do analista, o modelo implícito da estrutura enquadrante se apoia (e se revela no) surgimento das ideias de pensamento clínico, de “matriz ativa do enquadre” e do “enquadre interno do analista” (Green 2000 e 2002a).

A seguinte citação de Green permite apreciar a decisiva relação entre estrutura enquadrante e

o enquadre interno do analista: “Na ideia do enquadre interno, há algo da ordem do intrapsíquico e algo que permite a integração do intersubjetivo. Retomando o que destacamos a propósito da estrutura enquadrante, poderíamos pensar que o enquadre interno é uma interface interno-externo. Os processos terciários, incluídos na escuta analítica, são provavelmente aqueles que exercem um papel decisivo no enquadre interno. O fundamento desse enquadre não pode ser outro além da estrutura enquadrante do próprio analista, que, por meio da sua análise pessoal, torna-se fonte de uma nova flexibilidade, suporte do enquadre interno. Se definimos a estrutura enquadrante como o que permite constituir a singularidade (ou seja, a separação em relação ao outro, a flexibilidade e a autorreferência), podemos pensar que o enquadre interno constitui, por meio da análise pessoal do analista, uma matriz ativa para a singularidade do outro, para sua alteridade radical.”(Green ; Urribarri, 2001).

O ponto de partida é o reconhecimento de que o enquadre clássico não é viável para um grande número de pacientes. A perspectiva greeniana propõe valorizar e investigar o papel do pensamento clínico quando o paciente já não é capaz de associar livremente, quando a possibilidade de simbolização e de elaboração requer um trabalho suplementar (de figuração e imaginação) do analista. Nessas situações, Green sustenta que “o enquadre já não é um conceito compartilhado entre o paciente e o analista, torna-se uma noção interna ao analista. É ele quem terá que avaliar aquilo que escuta em relação a uma falha de funcionamento do enquadre que somente ele está em condições de perceber e compreender” (Green ; Urribarri, 2001).

Ou seja, o enquadre interno do analista está encarregado de sustentar a qualidade metaforizante da comunicação analítica. Em outras palavras: o enquadre interno é o aval da terceiridade. Além disso, procura sustentar a continuidade da processualidade transformacional da relação analítica, inclusive se esta permanece como virtualidade contida na mente do analista durante muito tempo. O enquadre interno do analista é a sede (ou a fonte) do pensamento clínico, no qual Green destaca o papel dos “processos terciários”: trabalho do pré-consciente do analista que lhe permite relacionar os componentes e os diversos filões do material analítico.

O modelo implícito da estrutura enquadrante (como interface do intrapsíquico e do

intersubjetivo) introduz para o trabalho psíquico do analista um esquema dinâmico da geratividade do discurso na sessão: à heterogeneidade do discurso do paciente, às relações de força e sentido que compõem a transferência, responde com a polifonia da imaginação analítica. Sua bússola segue a dialética continente/conteúdo, através dos processos representativos e identificatórios. O trabalho psíquico do analista busca cartografar os movimentos das representações, os investimentos e os contrainvestimentos que ocorrem durante a sessão. Apoiado em um modelo triádico do funcionamento psíquico, procura fazer pensável, inclusive nas situações limítrofes, uma dinâmica mínima sujeito-objeto-outro do objeto, e segui-la no discurso associativo como uma expressão das relações pulsão-representação-objeto.

Espero que estas linhas possam contribuir para esclarecer as principais ideias que André Green desenvolveu em sua obra em geral e neste livro em particular e, especialmente, para apreciar seu valor para enfrentar os desafios atuais e futuros da psicanálise. Desafios que requerem grandes doses de paixão clínica e pensamento complexo.

### Referências

FREUD, Sigmund. Más allá del principio de placer (1920). In: \_\_\_\_\_. **Más allá del principio de placer, Psicología de las masas y análisis del yo, y otras obras (1920-1922)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1975. (Colección Obras Completas de Sigmund Freud, vol XVIII).

GREEN, A. Narcisismo primario: estado o estructura? (1967). In: \_\_\_\_\_. **Narcisismo de vida, narcisismo de muerte**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986. p. 78-126.

\_\_\_\_\_, André. **El discurso viviente**. La concepción psicoanalítica del afecto. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1973.

\_\_\_\_\_. El analista, la simbolización y la ausencia en el encuadre psicoanalítico (1974). In: \_\_\_\_\_. **De locuras privadas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1990.

\_\_\_\_\_. El concepto de límite (1977). In: \_\_\_\_\_. **De locuras privadas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1990.

\_\_\_\_\_. Pasiones y destino de las pasiones: sobre las relaciones entre locura y psicosis (1981). In: \_\_\_\_\_. **De locuras privadas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1990.

\_\_\_\_\_. El Edipo: mito, estructura y modelo (1981b). In: \_\_\_\_\_. **La deliaison**. Paris : La deouverte, 1987.

\_\_\_\_\_. El doble límite (1982). In: \_\_\_\_\_. **La nueva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1994.

\_\_\_\_\_. La madre muerta (1983). In: \_\_\_\_\_. **Narcisismo de vida, narcisismo de muerte**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986. p. 209-238.

\_\_\_\_\_. **El lenguaje en el psicoanálisis** (1983b). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993. 240 p.

\_\_\_\_\_. **De locuras privadas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1990.

\_\_\_\_\_. **El trabajo de lo negativo** (1993). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996. 416 p.

\_\_\_\_\_. **La causalidad psíquica** (1995). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1997. 304 p.

\_\_\_\_\_. **La metapsicología revisitada** (1996). Buenos Aires: EUDEBA, 1996.

\_\_\_\_\_. **Las cadenas de Eros** (1998). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999.

\_\_\_\_\_. La representación y lo irrepresentable: hacia una metapsicología de la clínica contemporánea (1998b). Entrevista a André Green, por Fernando Urribarri. **Revista de Psicoanálisis**, nº Especial Internacional, 1998.

\_\_\_\_\_. **El tiempo fragmentado** (2000). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2002.

\_\_\_\_\_. El encuadre: su interiorización por el analista (2000b). **Revista Zona Erógena**, Buenos Aires, nº49, p. 21-23, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ideas directrices para un psicoanálisis contemporáneo** (2002). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2004. 416 p.

\_\_\_\_\_. **El pensamiento clínico** (2002b). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2007. 336 p.

\_\_\_\_\_. Reflexiones para un momento de pausa. Hacia un psicoanálisis del futuro (2003). In: \_\_\_\_\_. **El trabajo psicoanalítico**. Paris: PUF, 2003.

\_\_\_\_\_. **¿Por que las pulsiones de destrucción o de muerte?** (2007). Itaque, 2010.

\_\_\_\_\_. **Resonance of suffering: Countertransference in Non-Neurotic Structures** (2007b). GREEN, André (ed). London: IPA, 2007. 256 p.

\_\_\_\_\_; URRIBARRI, F (2001). Entrevistas preparatorias del libro “Ideas directrices para un psicoanálisis contemporáneo” (inédito). (Extracto traducido en Revista Uruguaya de Psicoanálisis, nº3, 2009).

MORIN, Edgar. **Introducción al pensamiento complejo**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1994.

PONTALIS, J-B. Comunicación personal, París, 2009.

URRIBARRI, Fernando. Para introducir el pensamiento terciario. In: BOTELLA, César. **Pensar los límites**. Delachaux, 2002. p. 447-454.

\_\_\_\_\_, Fernando; RICHARD, François. **Autour de l'oeuvre d'André Green: Enjeux pour une Psychanalyse Contemporaine.** Paris: PUF, 2005. 411 p.

\_\_\_\_\_, Fernando. El encuadre contemporáneo de la representación (2005 b). In: \_\_\_\_\_. **Autour de l'oeuvre d'André Green: Enjeux pour une Psychanalyse Contemporaine.** Paris: PUF, 2005.

\_\_\_\_\_. El trabajo psíquico del analista y los tres conceptos de contratransferencia (2007). In: GREEN, A. (Ed.). **Resonance of suffering.** London: IPA, 2007a. (Traducido en Revista Uruguaya de Psicoanálisis, nº 3, 2009).

URRIBARRI, Fernando (2008). Après Lacan: père et filiation analytique chez André Green. In: CUPA, Dominique. **Le Père dans la culture contemporaine.** Paris: PUF, 2008.

\_\_\_\_\_. Después de Lacan: del poslacanismo al psicoanálisis contemporáneo (2009). **Revista de Psicoanálisis,** Buenos Aires, v. 66, n.4, p. 665-686, dez. 2009.